

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 48, João F. Torres.

NUMERO 31

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos amáveis assignantes que ainda estão em divida, o distincto obsequio de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, relativamente ao 1.º semestre vencido já no mez de junho ultimo, e os de fóra podem-n'o fazer por meio de vales do correio. Esperamos que o nosso pedido seja attendido—e pelo correio mandaremos os recibos.

BRAGA

SABBADO 26 DE AGOSTO DE 1882

INVENT

A «Cruz e a Espada» disse em 4 de Fevereiro.—

A «Nação» diz em 3 d'Agosto.

OS CULPADOS

«Se na união está a força, é urgente que nos unamos, por que é preciso que sejamos fortes

«Se a decadencia do partido legitimista tem origem na falta de organização politica, chegou o momento da nossa regeneração

«A unir!

«E' a voz da consciencia, por que temos a consciencia do dever.

«Não ha hesitar.

«E' um desengano o que resulta do estudo de quarenta e oito annos decorridos em ver finarem-se um a um os mais poderosos esteios da legitimidade; em ver desertar para outros partidos homens de energia, já caçados do ocio; em assistir a missas por almas dos que morrem, e em commemorações festivas pelos que nascem.

«E' mais que um desengano, é a evidencia de que não é por tal systema que se faz politica, nem é assim que se robustece um partido.

«E se chegou a hora dos desenganos, tambem veio com ella o momento das decisões francas.

«Decidamo-nos todos. A mocidade legitimista de Braga dá o nobre exemplo da coragem, da vontade, da acção, e do esforço.

«Por meio de uma organização circumspecta é mister que a legitimidade seja um

partido. Em redor do Rei é necessario que esteja uma muralha de corações, porque o Rei é o direito, e as adulações, e as cortezanias que lisonjeiam, não são resguardo aos principios nem arroyos para o seu triumpho.

«Carece-se de mais e de muito mais.

«Dizemol-o bem alto, sem temores nem vacilações: o inimigo move-se, cresce, provoca-nos, atacam em massa os nossos arraiaes. Queremos dar-lhe o peito.

«E' tempo!

«Que fique embora a cobardia de roje pela terra, que fique sepultada na lama do campo a indecisão, que durma nas tendas de campanha a indulgencia rabugenta e estafada, a mocidade legitimista quer o lugar de honra que lhe pertence, quer as luctas em que se desenvolve a sua vitalidade.

«O partido legitimista portuguez accusa-se de si proprio, quando em honra da verdade e da imparcialidade entende que o deve fazer.

«E' um partido vencido, é verdade; um partido que váe em meio seculo, tem ido perdendo os seus melhores e mais dedicados soldados, mortos briosamente no campo da honra; um partido de que tem desertado aquelles que nos não fazem falta; e ainda assim, cabe-lhe não pouca responsabilidade pelo estado de miseria a que chegou Portugal.

«Não ficou elle tão fraco apesar das perdas sensiveis que tem soffrido; não diminuiu tanto, não obstante os cruéis revezes que soffreu, não foram tão poucos os soldados da nova geração, que vieram jurar as suas bandeiras; e é principalmente enorme a fé e a dedicação de todos elles, para que o possamos absolver de não ter ha mais tempo apertado as suas columnas oppellido por todos os meios uma resistencia energica ao despotismo que temos soffrido.

«No partido realista o indifferentismo é o maximo dos crimes que elle pôde ter commettido. O maior de todos os males, que provem d'esta indiferença, peor ainda que a sanção tacita dos crimes e dos er-

ros dos nossos adversarios; peor que a falta de protesto vigoroso contra os seus actos iniquos, é deixar crear-se a indisciplina e a desmoralisação no meio das suas fileiras.

«.....

«Mas um partido não cumpre, em quanto não enrolou a sua bandeira, saboreando a sua lealdade, adorando as suas creanças, vangloriando-se de sua fé, e dos seus principios.

«.....

«Por muito partidario que somos das revoluções pacificas em contraposição ás outras, é que desejamos que dentro da esphera pacifica, que o partido realista portuguez desenvolva todas as suas forças, e unindo-as em uma só a presente como obstaculo á corrente, impetuosa do mal que nos váe tomando quasi de todo.

«.....

«Se podessemos admitir uma derrota mesmo depois de assim organisados, honrosa e muito honrosa era ella, como a de todo o vencido que cumpriu o seu dever. Se pelo contrario por indifferentismo e incuria nossa nos deixarmos vencer, nós merecemos mil vezes mais o epiteto de maos cidadãos, que os nossos adversarios.

«E' assim que o devemos entender.

«Portugal não está hoje um paiz em que o partido da verdadeira opposição, que somos nós, possa existir com a commodidade dos pachás. Ou é um partido que comprehendendo a grande necessidade de sacrificios de toda a ordem, ou não comprehendendo os deveres religiosos de se lançar n'esta lucta de acção contra os carrascos da patria.

«Se nem comprehendemos esta necessidade, se nem estamos dispostos aos sacrificios, confessemo-nos incurios no crime de lesa-nação, e não accusemos os que ainda que por forma differente são cumplices commosco.

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«Creado que seja o partido nacional para que continuaremos

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

«.....

A INSTRUÇÃO SEM DEUS

Em 1874 escrevia o chorado escriptor catholico José Maria de Souza Monteiro, no *Bem Publico*, a proposito do monumento mandado levantar pelo marquez de Pombal, em Belem, no terreno que occupava o palacio do supplicado duque d'Aveiro, as seguintes palavras:

«Sirva este monumento para que todos conheçam... que homem era o que se chama reformador da universidade de Coimbra por tel-a reformado, intruduzindo-lhe as doutrinas subversivas, que formaram uma geração d'eslavos, a qual gerou filhos revolucionarios, que geraram outros que são demolidores e anarchistas.»

Oito annos depois, quando já não tinha vida a habil mão que traçou aquellas phrases, o centenario do tigrino despota veio mostrar a profunda verdade d'ellas aos que não a viam ou não a queriam ver. Na celebração d'esse centenario de iniciativa maçónica-republicana, embora n'elle tomassem parte por *estupidez* ou por *finura* os partidos monarchico-liberaes, representaram o principal papel os estudantes, não só da universidade, mas d'outros institutos d'instrução, especialmente de Lisboa e do Porto; e, doceis instrumentos dos odios subterraneos, n'essa torrente de impiedades que vomitaram em tal occasião, quer por palavra quer por escripto, patentearam a todas as luzes o estado deplorabilissimo a que a instrução sem Deus tem reduzido os espiritos da geração actual, que, como fez notar o valente polemista já citado, «é aquelle que mui brevemente receberá nas mãos o governo da sociedade».

Attentaram bem n'isso os paes christãos, e ainda aquelles que, descrentes ou só indifferentes em religião, tem em alguma conta a patria, a familia, a moralidade e a ordem social? O presente já é lastimoso, e não pôde contentar a quem pense e sinta rectamente; mas o futuro, o futuro que será com tão desgraçados fundamentos? Para onde caminhamos, senão para o desabamento completo da sociedade, para esse *desideratum* de uns homens que mais parecem demonios—a anarchia social?! N'esse pavoroso naufragio que se prepara, não só perecerá a idéa christã e religiosa, mas se sumirão a verdade e o dever, a honra e o sacrificio, em fim todas as grandes crenças que constituem a base social.

Dois homens que não podem ser suspeitos de favoráveis á religião, proferiram palavras que nos apraz consignar aqui, porque veem opportunamente em apoio das nossas reflexões. Disse Edgar Quinet: «Um povo que perdesse a idéa de Deus, perderia todo o ideal... Não sei porque havia de continuar o seu caminho»; e Louis Blanc acrescentou: «Tudo quanto se diminui no Estado á soberania de Deus, se acrescenta á soberania do carrasco.»

Mas dirão: «A sciencia na eschola e a religião na igreja»; e nós responderemos com um sensato escriptor que é essa uma das tollices que sabiram completas dos antros da maçonaria, e que os nescios ou os maus repetem como grandes verdades, posto que as não comprehendam.

A sciencia na eschola, sem duvida; é lá que ella se deve aprender, posto que na igreja se aprenda tambem uma sciencia, e não a mais somenos, a sciencia de bem viver e bem morrer. A religião na igreja, sem duvida tambem; alli está Deus presente mais que em outra parte; é por tanto alli principalmente que devemos adorar-o e orar-lhe. Mas deve-se tambem a aprender a conhecer-o na familia e na eschola.

Que pretendem os demolidores de todas as partes, e que alcançaram já os da desditosa França? Que na eschola,—na eschola primaria, para o atheismo começar da raiz!—não se ensina o cathecismo, nem a historia sagrada; que d'ella se desterre todo o emblema religioso; que n'ella nem se pronuncie o nome de Deus, pois seria um attentado contra a liberdade de consciencia das crianças! Pobres criancinhas, a quem o Deus humanado tanto amou, e a quem querem roubar aquelle bom Pae!

Ao sabir da eschola, irá a criança á igreja, se o pae a lá mandar, e alli saberá com espanto que ha um Deus, Jesus Christo, uma Igreja, uma alma immortal para salvar, um ceu e um inferno. E a alma simples e rec da criança nunca poderá comprehender como na igreja lhe dizem que é preciso orar, em tanto que na eschola orar é um delicto, ou pelo menos uma coisa prohibida ou desconhecida. D'onde um caos inextricavel, uma confusão sem igual, e, por fim de contas, ou um scepticismo absoluto ou uma sciencia nulla. Não será provavel que as crianças se tornem uns pequenos atheus, e por conseguinte uns pequenos malvados?

O que é a eschola sem Deus, exprimiu-o admiravelmente em duas phrases, duas metaphoras, duas imagens, Mons Gay, bispo d'Anthédon, na eschola d'uma aldeia: «Quer obter instrução sem Deus, disse, é querer obter agricultura sem sol; é querer obter navegação sem bússola.» E é assim: aquelle que quizesse fazer germinar, nascer, florir e fructificar o trigo e a vida n'um subterraneo onde não penetrasse o sol, seria menos louco que os estadistas ou reformadores que querem formar homens, cidadãos, individuos instruidos e moraes, pon-do de parte a Deus; o navegador que emprehendesse, sem bússola, dar volta ao mundo, commetteria menor imprudencia que aquelle que tentasse obter, sem Deus e sem religião, a educação d'uma criança. Esses taes pretendem prescindir nada menos que do sol, da estrella polar!

O illustre pensador que se chamou José de Maistre, escrevia a uma mãe a respeito de seu filho:

«Se a virtude tinha lançado n'elle tão profundas raizes, se o vicio o encontrou sempre invulneravel, e se apparecem na sociedade armado perfeitamente, devei-o ao valor que tivestes de contradizer as falsas idéas do nosso seculo, e de tornar a educação de vossos filhos eminentemente religiosos. Os charlatões modernos, que diffamaram o titulo de philosopho, dictaram methodos mui diferentes: trabalharam sem descanço para separar a moral da religião; recommendaram-nos sobretudo que não entregassemos aos padres os primeiros annos do homem. Um d'elles chegou a sustentar claramente que não se devia fallar de Deus ás crianças, paradoxo que toca tão de perto na demencia que inspira compaixão.»

E é este paradoxo verdadeiramente louco que, em França, foi declarado obrigatorio, e que os nossos malignos macaqueadores buscam estabelecer de direito como, desgraçadamente, já se vae estabelecendo de facto!

A. MOREIRA BELLO.

CORRESPONDENCIAS

Londres, 18 de Agosto de 1882

(Do nosso correspondente)

Vou communicar á *Cruz e a Espada* um facto e circumstancias da maior importancia; que, ha 50 annos, tenho de proposito reservado para occasião opportuna; por isso mesmo que contem a *chave*, por assim dizer, das intrigas de toda a especie; por onde a infame Maçonaria destruiu (servindo-se para isso de D. Pedro como seu perverso e miseravel instrumento) o só Imperio no mundo que, em proposições naturaes e adquiridas, podia competir com o Britânico.

Requeiro á *Cruz e a Espada* particular cuidado na exactidão do texto, e mesmo da minha orthographia; pois eu estou prompto a responder sempre pelo que escrevo, em todo sentido, e d'elle aceitar as consequencias mas não desejo carregar com faltas que não sam minhas—assim como me envergonharia muitissimo, de dar por minhas idéas e *excellencias* d'outrem (¡ cuidado! que estas *excellencias* não sam d'essas que com a infame carta vieram do Brazil, para todo *bicho careta*; e que eu cuspi fora cada vez que m'a impingem, pois aprecio muito mais o nosso velho e honrado *Vmc.*).

Eis aqui o mencionado facto authenticico, que primeiro enunciarei simplesmente, seguindo sua verdade e importancia; e depois viram as provas, e complementos de toda a serie de traições maçonicas, tão infames e fáticas, quanto anti-patrioticas, por onde, desde 1820, a Maçonaria destruiu o Magnifico Imperio tão gloriosamente creado e adquirido por nossos heroicos Maiores.

A Maçonaria tinha-se apossado de D. Pedro (talvez, e provavelmente) mesmo antes da tolissima volta de D. João VI a Portugal, em virtude da perfida e maçónica insurreição de 24 d'Agosto, de 1820; por onde os taes *Apostolos*, maçonicos todos menos um e talvez dois (*), destruíram a esplendida herança que nossos heroicos Avós nos deixáram.

Assim que o pusilánime Soberano partira

(*) O que não era, de certo, *maçon*, e de quem eu vim a ter o mais íntimo conhecimento depois, era o Visconde de Canellas Antonio da Silveira; patriota verdadeiro, e de muitas outras boas qualidades, mas facilímo d'enganar com profissões de patriotismo, etc. que porisso os finorios maçons o escolheram em 1820 como *capa de velha-cos*, e d'elle logo se descartaram.—O outro que me não atrevo a chamar *maçon* era S. Luiz, que foi muito amigo meu!

do Rio de Janeiro, a Maçonaria, que já tinha destruido o incomparavel Imperio Hispano-Americano começou — mui *patrioticamente*, já se vê, segundo seu costume, a trabalhar para a destruição igualmente do outro esplendido Imperio *Peninsulo-Colonial*, o Portuguez; e para isso encontrou em D. Pedro, ignorante, immoral, rodeado de maçons ambiciosos e egoistas, em vez de patrioticos, Brasileiros e Portuguezes (*de nasciemento e nome sómente*), promptos e activos instrumentos maçonicos — que d'elle fizeram instrumento da Maçonaria.

Esta ultima, que já tinha tão efficacmente ajudado *Cauning*, na sua obra, de que em pleno Parlamento se gabou, em 1826, «de ter creado um Novo mundo (na America) para restituir o equilibrio do Antigo» (significando, *destruir o poder da Peninsula Iberica, e transferir-o á Gran-Bretanha*); imaginou, em compensação do roubo que á Peninsula tinha feito de suas Possessões no Novo Mundo que ella tinha descoberto, fazer da Peninsula Iberica uma só nação — em compensação de mais de 1/4 do Mundo que lhe tinha roubado ou d'ella separado.

Para isto metter na cabeça ao estouvado D. Pedro que viesse elle ser Imperador de uma *Peninsula Maçonica* que se lhe tinha preparado, e para este fim fizéram que elle fizesse aquella larça de abdição, etc., e viesse á Europa, expulsar Fernando VII do throno, e assentar-se elle no mesmo, tendo feito Portugal uma provincia do mesmo Imperio maçonico.

Tudo isto havia sido maniganciado, em proseguimento de maquinações, que já para o mesmo effeito haviam sido iniciadas e proseguidas de 1820 a 23; a que a intervenção Franceza na Hispanha e o movimento restaurador em Portugal no mesmo anno, tinham posto còbro.

Á morte de D. João VI, que a Maçonario arranhou, por meio d'aquelles «insultos nervosos» de que o Governo dos *Lacerdas* e *Barradas* nos informou, até que o pobre Rei *espichou no dia 6, de Morço* (bem que só o annunciáram morto no dia 10 *), como nas visinhanças da *Bemposta* corria de planos, reviveram as esperanças e planos maçonicos, e começou-se de novo a intrigar para elles.

Mandou-se immediata e clandestinamente, n'um brigue mui veleiro, cujo nome agora me esquece, o Cirurgiãõ Aguiar ao Brazil arranjar com D. Pedro as cousas, preparar as mudanças, o envio da *Carta*, etc.; em quanto se illudiu a Nação, com o annuncio de que se ia mandar solememente, em a não D. João VI, o Duque de Lafões e o Arcebispo de Lacedemonia, para ajustarem e combinarem as relações amigaveis e fraternas dos does Estados Independentes.

Demorou-se, porém, de prepósito sob pretexto de *preparar instruções*, etc., a partida da não e da *Deputação (máscara)*, que não era outra coisa) até que houvesse tempo de *ter obrado a mézinha*, perfidamente applicada antes por via do cirurgiãõ Aguiar. De sorte que, quando o Duque o Bispo chegaram ao Rio, nada havia já que fazer, se não *submitter-se* ao que estava feito. E assim, depois de uma formal cerimonia de reconhecimento necessario d'isso que estava feito, voltáram para Portugal os Emissarios, como poderam; tendo resultado do negocio simplesmente, uma burla, e uma despeza consideravel sem proveito algum para Portugal!

A Não aproveitava logo D. Pedro, para mandala a Brest com ordem de levar para o Brazil o senhor D. Miguel; porém a Austria não consentiu que ella fosse; enviou ao Rio o Barão de Neuman, dizer a D. Pedro isso mesmo; e no entanto parou a Não em Brest por um anno, ou quasi, á espera de decisões com toda a guarnição, e fazendo uma despeza enorme.

Nem por isso abandonou D. Pedro, todavia, o projecto maçonico de vir ser *Imperador da Peninsula*. Escreveu á Princeza da Beira, sua irmã (foi Ella propria que m'o disse), em consequencia da protecção que a Hispanha então dava aos portuguezes legitimistas refugiados «Diz a Fernando (VII), que lá vou eu mesmo brevemente em pessoa pedir-lhe contas da protecção que está dando aos Miguelistas».—Eis abi já revelado o segredo da força de abdição de D. Pedro no Brazil, e sua vinda á Europa.

Mas falta agora o meu segredo de que só sabia a legação Hispanhola aqui, e o Go-

(*) Tenho de testemunhas maiores de toda excepção (meu proprio Pai e o general Agostinho Luiz da Fonseca), que se não podia parar na sala onde estava o cadaver d'El-Rei, quando se expoz como de costume; sendo insupportavel o fedor, e o *pus* transudando das mãos pelas luvas brancas — isto não podia ser, se o Rei tivesse morrido na vespera.

verno Hispanhol; e por pessoa ao serviço d'esta, que se tornou meu íntimo amigo, vim a saber tudo, eis aqui:—

Um official da Marinha Hispanhola, de uma boa familia Realista, isto é, legitimista, meteu-se na maçonaria; e fosse por assim discordar com a familia, ou por outra razão, desapareceu, e não tornou mais a familia a saber o que fóra feito d'elle por alguns annos.

Tinha elle porém ido para a America, e negociou algum tempo entre Buenos-Ayres e Rio de Janeiro. Pelas relações maçonicas, etc., veio a ser um grande favorito e confidente de D. Pedro, e um activo agente para o projecto da *união Iberica* sob D. Pedro como *Imperador da Peninsula*. Para este effeito veio (creio até que mais de uma vez) a Portugal, de 1826 a 1828; preparando, de accordo com os partidarios da tal *união Iberica*, e com os directores e chefes da Revolução Geral Europea (*o Comité Director*), as cousas para se enthronisar D. Pedro em Madrid e Lisboa.

Pouco antes da vinda d'El-Rei para Portugal, como Regente (segundo tinha sido exigido por *Methernich*, e concordado pelas Potencias), despachou D. Pedro a *Sierra Mariscal* (o nome do tal official Hispanhol) a Portugal, com Instruções e auctorisações, para, de accordo com a Maçonaria Portugueza e Hispanhola, etc., dispor as cousas para transformação Iberica da Peninsula.

Não havia ainda paquetes e vapores tão prontos e regulares como agora; e quando o homem chegou ao Tejo, armado com todas as auctorisações; desembarcou logo no barco ou escaler da visita, sem perguntar por noticias do estado do paiz—como um que vinha autorisado por D. Pedro a mandar e dispor tudo—a ser obedecido por todos, e sem sujeição a ninguem.

Assim que esteve na terra perto da Junqueira, ouve o povo victoriando a «El-Rei D. Miguel», e festejando por sua volta ao Reimo, etc.

Então percebeu o que era e o perigo que corria, se era colhido com aquella quantidade de documentos e mais compromettentes; vendo que assim a sua missão estava frustrada, e elle constituido no mais eminente perigo de ir logo parar a uma prisão, etc.

A resolução que em taes circumstancias tomou immediatamente, é em si mesma altamente caracteristica do homem, e não menos da noblissima Personagem a quem elle subitamente recorreu para salvar-se—assim como o que brevemente succedeu depois, mostra a impressão, o abalo, que todas estas dramaticas circumstancias produziram n'um ánimo assim ardente, emprehendedor, elevado, e leal ao mesmo tempo á sua palavra.

No perigo em que se achava, tomou a seguinte resolução:—Correu quanto pôde a Belem e a Pedroços, chegou á porta do Duque de Cadaval, e disse ao porteiro:—«Tenho cousa muito importante que communicar ao Duque, mas só a elle; vam dar-lhe este recado».—O Duque mandou-o entrar e subir; e quando se acháram sós, disse elle a Sua Ex.^a:—«Eu vinha com esta missão de D. Pedro; aqui estão os documentos, auctorisações, etc., que o provam. Vejo porém que a Nação deseja e quer outra coisa; e não serei eu que mais tratarei de impôr-lhe o que ella rejeita. Dou a V. Ex.^a a minha palavra, que abandono toda intervenção qualquer contra o que vejo é a decidida vontade da Nação Portugueza. Esta nada ganharia com encerrar-me n'uma prisão para n'ella apodrecer. Tudo o que peço a V. Ex.^a é que tenha a bondade de guardarme em sua casa até á chegada do primeiro paquete Inglez, e me mande pôr a bordo d'elle. Vou para Inglaterra, e não tomo mais parte nas cousas de Portugal!—O Duque disse-lhe, aceitava a sua palavra; e quando, dias depois, chegou o paquete, mandou-o em seu proprio escaler para bordo.

Idem 18, á noite

Se esta minha carta chegasse, como é possivel, a tempo de apparecer ainda na mesma folha da primeira que escrevi esta manhã; assim conviria muito, por completar o muito importante assumpto concernente a *Sierra Mariscal*.

Desde que o homem ficou em Pedroços na casa do Duque, esperando a chegada e partida do proximo paquete Inglez; escreveu elle á sua Familia na Hispanha, dando-lhe parte do succedido; e como elle ali se achava esperando o proximo paquete para n'elle partir para Londres.

Vinha para aqui, não podendo ir para Hispanha onde sabia que o governo o mandaria logo capturar, porque o tinha por homem muito revolucionario e perigoso. A familia porém, que sendo muito Legitimista,

era muito bemquista do Rei e do Governo, estimou muito aquella conversão; e com o favor que gozava do governo, esperava que este permitisse ao homem assim convertido e emendado, o voltar para a patria e para o seio, e carinho da familia. Enviou pois, immediatamente um Irmão de Sierra Mariscal a Lisboa, a pedir-lhe voltasse á patria. Infelizmente chegou ali quando o paquete que levava o Irmão tinha já deixado o Tejo partindo para a Inglaterra. Resolveu, pois, esperar pelo paquete immediato, e n'elle vir aqui encontrar o mesmo Irmão.

Assim o executou, mas quando chegou a Londres achou ter Sierra, o Irmão, inteiramente perdido o juizo, cahido n'uma imbecilidade completa, e não poder já servir para cousa alguma. Representou isto mesmo á Legação d'Hispanha, que escreveu para Madrid, e obteve licença para que o Demente voltasse para Hispanha e para a sua familia. Exigiu, porém Zéa Bermudes, que o Irmão aqui ficasse, algum tempo; por isso que, estando em relação com os amigos e Socios do Irmão, que eram do Comité Directeur da Revolução, que aqui se achava; sabia dos planos e procedimentos do mesmo Comité, empenhado então em revolucionar a Hispanha e a Península.

Veio, pois, o dito Irmão do agora demente e regressado á casa paterna, a se achar em communicação íntima com os Revolucionarios do Comité Directeur, e assim com os Refugiados Portuguezes que aqui se achavam. Mas antes de ir mais longe, convem relatar o que passou com D. Pedro, que aqui chegou do Brazil logo depois da chegada do Irmão do principal Sierra, agora alienado e que já partira para Hispanha.

D. Pedro, assim que chegou, e se hospedou no Clarendon Hotel, perguntou por Sierra Mariscal, o seu precursor, por quem o estouvado ex-Imperador do Brazil esperava ser instalado brevemente no «Throno Imperial da Península» (que para isso deixara o Brazil ás ordens da Maçonaria). Disseram-lhe o que tinha acontecido com o seu Emissario e Auctorizado, que elle tinha perdido o juizo, e fora assim remetido para a familia; mas que se achava aqui um Irmão que o viera encontrar, e achando-o no miseravel estado de demente imbecilidade, o remettersa para Hispanha por licença que do governo sollicitara e obtivera para isso.

Perguntando D. Pedro onde morava o Irmão de Sierra (que era casuamente muito perto da minha habitação, bem que eu então o não soubesse), mandou o commendador Rocha Pinto, seu camarista, ou o quer que era, chamar o dito Irmão, pedindo o viesse ver sem demora a Clarendon Hotel.

Sierra não estava em casa, e o Emissario de D. Pedro deixou o seu bilhete — que eu vi — com urgente recommendação, de que Sierra fosse o mais de pressa possível ao Clarendon falar ao ex-Imperador.

Assim que Sierra chegou a casa, e recebeu o recado, partiu para o Hotel; onde, perguntando á porta por D. Pedro, lhe disseram, subisse ao primeiro andar, onde o ex-Imperador e comitiva occupavam os aposentos do corredor; e logo que subiu vendo sahir uma pessoa de um dos quartos, indo a passar para outro, perguntou-lhe qual era o quarto de D. Pedro? — A pessoa disse-lhe: — «V. quer falar a D. Pedro?» — «Sim senhor, porque elle me mandou chamar para isso.» — «Pois entre neste quarto.» — E entrando ambos, disse D. Pedro: — «Sou eu mesmo.» E começou a perguntar com grande sollicitude pelo Irmão Sierra, lamentando a desgraça d'este; e logo, com grande empenho, pelo estado dos negocios relativamente ao Imperio Peninsular, etc.

Sierra, sem lhe fazer profissão de seus principios, ou lhe dizer como pertencia a uma opinião diversa da do Irmão, disse-lhe: — «Que as cousas tinham mudado muito; que o governo Hispanhol tinha tomado medidas fortes e efficazes; e que agora se tinham desvanecido as esperanças e idéias de tal Imperio.

Se bem me lembro, ainda tornou a ver o ex-Imperador, que não tardou a desenganar-se de que, por agora o Imperio da Península Ibérica se tinha gorado; e D. Pedro então, não tardou a transferir-se a França, onde, depois de 1830, eram já se sabe, por elle as sympathias revolucionarias; e onde não tardou, a tratar-se de preparar em Belle-Irle a expedição da terceira contra Portugal, etc., como é sabido.

Ganhou Sierra (o Irmão que aqui se conservou, por desejo de Zéa Bermudes e do Governo Hispanhol) relações com Refugiados Portuguezes, um principalmente, antigo Rosa-Cruz da Maçonaria — mas creio que da Inglesa, ainda que eu não tinha, até ha pouco mais de dous annos, idéias claras e positivas da differença — que creio mesmo não existia de maneira categórica e

definitiva antes da estouvada Republica actual dos Femys e dos Berts. Essa pessoa o informava em parte das maquinações revolucionarias a respeito d'Hispanha e de Portugal, salvo onde havia perigo de comprometter pessoas e expol-as a prisão ou procedimentos severos dos Governos legitimos Hispanhol e Portuguez.

Tendo eu adquirido grande intimidade e relações com os addidos da ligação d'Hispanha, e estes tendo-me apresentado a Sierra — sem eu então saber da missão ou funcções d'este, viemos a ser muito amigos; e por elle soube os importantes particularidades que deixo notados, e com elle continuei tendo correspondencia depois que voltou á Hispanha.

Até á semana seguinte.

A. R. Saraiva.

Villa Verde, 21 d'Agosto de 1882

(Do nosso correspondente)

Rejubilando d'intimos contentamentos, e estrugindo em gargalhadas sonoras, — da brecha onde assestei as haterias á infamia, d'aqui envio muito saudar ao esforçado paladino que salta á arena, e cujo carcaz se mostra peregrinamente fornido de setas ervadas na mais salerosa pimenta!

Um fraternal abraço meu caro Z, meu endiabrado Z, pelas zzzzzumbidos que deves ter produzido nas bumbicaes orelhas d'aquelles em quem descarregaste as pilhas da tua graça!

Permite este mesquinho tratamento de — tu, ao teu Y admirador, que deu tombo de riso ao ver a tua correspondencia de 19 do corrente, no Constituinte.

Sejas tu quem fores, possante cavalleiro, a tua divisa é já conhecida: a tua dama é a honra, a tua senha — moralidade, e o teu campo de batalha — o plano superior ao estérquilineo onde chafurdam os meus miseráveis.

Os meus miseráveis?!... Tu sabes lá, querido Z, que repugnancia, que formidável ascó sinto eu ao revolver na ideia os factos, e o viver d'estes leprosos?! E' o nojo de quem se visse forçado a estripar sapos e saramellas, e a comer-lhes os intestinos!

Não é porque eu tenha a velleidade de pretender endireitar o mundo, não é; mas pesa-me n'alma ver estes farçantes sobre-carregados de roubos e de crimes, occupar lugares devidos a homens d'honra e de serviços á patria, e viverem a vida feliz do cynico, entre o deboche e o latrocínio, sem ninguém que os cohiba, sem lei que os refreie, sem religião que lhes sopeie os attentados, sem... um chicote que os zurza!

O meu trabalho é baldio, — conheço-o bem no descaro infame com que estes villões continuam na faina do — non possumos — roubar mais. Sou, porém, como estes cochinhos desalmados, a quem se entregam tres estafados rocinantes, para subir mil ladeiras, — e elles começam na primeira a bifar o espinhaço dos malandros, acompanhando-se d'esta frase proverbial: — «ou ides, ou vos desanco» —

Eu tambem, do alto da minha boleia, — caro Z —, não espero gloria, mas tão só o intimo comprasimento de prestar algum serviço ao desventurado que vá cahir nas unhas dos Cafres de Villa Verde.

Já o disse aqui, — não macularei a honra dos honestos, dos bons cidadãos, dos bons empregados publicos, etc., etc.

Longe a diffamação e a deshonra —!

Para aquellos que não tem honra é que a pontaria se dirige. Embora não consiga sequer uma honra artificial para estes biltres, ao menos desanco-os, e digo depois á moralidade — «minha senhora, não pude fazer nada das bestas; deixei-os sem osso direito no pelourinho, agora passe muito bem, despeço-me do seu serviço.»

E fico satisfeito cá por dentro, meu adorado Z.

Que queres? Será um fado como o que passa o teu Ribeiro nas visitas de sua mais extremada affeição, d'espelunca em possilga, e de cangosta em campo de milho, — como o lobishomem, ou o Ashavero da lenda.

Todos temos o nosso destino immutavel; e eu sou, como elle, muito fatalista. Está escripto!

Tu não me conheces: — sou um typo descarnado como o teu Achavero de passeios forçados pelo destino, — esqualido, magro, — porco, — com os sapatos achados ao Judéo errante, — com um casaco (se tal se lhe pôde chamar) sumido nas pregas dos ossos, — com o chapéo derrubado no sobrenho do desgosto, — e assim com uma cara de roubo de egreja como o Silva.

Deves-me conhecer como as tuas mãos. Tenho o grande defeito de me não enle-

var no gorgeio dos passarinhos das quelhas, e de não gostar dos trenos das toutinegras das negras acacias da Feira, ou do poetico retiro do monte de Cima. Em compensação cá tenho o meu destino, o meu fado irresistivel: — escuto em ancias, em contorsões de cataleptico, os gemidos das victimas, e os lamentos das viúvas, que não teem pão para os orfãos, mas hão de ir desentranhar ao inferno dinheiro para pagar os inventarios feitos á medida da voracidade dos devassos. Não ha codigo que regule a parcimonia de termos. É uma Ordenação coordenada pelo Brandão de Midões, correcta e augmentada pelo Bom Despacho, e recopilada e revista nas batotas de Braga, e n'uma fabrica de moeda falsa, que o Chinquilha não deixou prosperar em Adães.

Oh! trindade de gatunos, salafraios pestíferos, sanguessugas da misera humanidade! Não tendes, ao menos, o estímulo da decencia, e da honra dos outros dois companheiros?!

E tendes ainda esse riso cynico pela honestidade d'elles, — esse rir com olhos gapeados, que o sempre lembrado Elyséo apagou na sua verde ironia?!

É um grande mal para vós não terdes vergonha, porque a boleia é suave, e o pinglim não cança.

Não digas de lá, meu ironico Z, que nada ha pelo teu rol. — Altemua-lhes a responsabilidade como quizeres, mas não me tires o terno d'asemolas aos meus trabalhos de ensino. — Estes são meus, e não os trocára por aquellos que o Zé do Pico leva á Povoa; — deixa-m'os, que somos amigos.

Dou-te em troca o Pimentel, — dou-te a meza d'elle, — dou-te a cadeira do vice-presidente, mesmo cheia de migalhas seccas, que lhe cabiram do bolso da rabicha, e que elle trazia para a sópa da burra que foi do avô, — dou-te mesmo todo o senado, com todo o scenario, e com todas as scenas comico — burlescas d'elle; mas não digas aquillo, não?

Um outro abraço, na certeza da tua complacencia, e adeus!

Y.

NOTICIARIO

A peregrinação academica. — O dia 24 d'agosto d'este anno, foi para os habitantes da cidade dos arcebispos um dia de gloria, um dia de verdadeiro jubilo, um dia, em fim, de grande regosijo para o povo portuguez, que vê na Virgem Immaculada da Conceição o mais energico remedio para se amerceiar dos males, que degradam a patria do povo fidelissimo. Braga, antiga nas suas crenças de fé — fiel ás suas tradições de gloria — e augusta no nome alevantado dos seus briosos feitos, bemdisse n'esse dia de prazer o nome d'el-rei D. João IV, d'esse monarcha grandioso da casa de Bragança, que fez proclamar a Virgem Mãe de Deus Protectora dos portuguezes.

N'esses tempos felizes de pura crença, o sentimento religioso do povo estava encarnado no pensar catholico do rei. Portugal inteiro saudou com entusiasmo a Padroeira da monarchia.

Até os filhos da sciencia, que n'essa idade d'ouro frequentavam a Universidade, se alevantaram entusiasmados jurando pelo grau das suas faculdades defender o dogma santissimo da Virgem. N'essa época todos eram crusados da religião dos Martyres, todos eram catholicos porque as revelações de fé dos campos d'Ourique, eram e foram profundamente acatadas, por todas as idades e gerações.

Ao correr vertiginoso da impiedade do seculo XIX appareceram ante-hontem no Sameiro uns poucos de mancebos a render homenagem á Virgem Rainha em nome da academia conimbricense. Em nome da academia conimbricense, porque vieram elles com seu fervor de fé rectificar o juramento a que são obrigados os filhos da universidade. Vieram reivindicar o brio do nome portuguez, embora os seus companheiros nas lides do estudo, (que promovem festas civicas em honra da maçonaria e dos cadafalsos dos Aveiros e Tavoras), ousem com sua maldita liberdade protestar contra o brado piedoso d'el-rei D. João IV. Desgrasdos! Elles os scientificos fizeram protestos, e em dia de S. Bartholomeu por andarem n'esse dia os diabos soltos aos quatro ventos, como geralmente diz o vulgo. Que bravejem dentro da sua esphera infernal, porque o triumpho da Rainha é bemdito por 200 milhões de crentes.

Braga, pois, abraçou com grande contentamento os illustrados academicos, esses, que, mais tarde, pelo seu curso ecclesiastico, chegarão assumir as redeas do episcopado portuguez, e os das outras faculdades nos importantes cargos da nação. Foi portan-

to honrosa para a 3.ª cidade do paiz a peregrinação vinda do berço das sciencias, embora sobre ella não cahissem como infelizmente aconteceu as benções dopaço archiepiscopal.

Os peregrinos entraram. Braga cumpriu com os seus deveres congratulando-os. Deulhes as boas vindas e uma hospitalagem sincera; deu-lhes uma ovação ruidosa sabida do coração.

Recebeu-os a cidade com musicas, vivas, repiques de sinos e colchas de damascos nas janellas das ruas do transitio, atravessando victoriosa as praças da Roma portugueza debaixo d'um choveiro incessante de flores.

Abençoados sejam elles.

Abençoada a sua coragem, que provocou heroicamente a hydra da corrupção.

Maria, fonte sagrada de todas as sciencias humanas, pharol esplendoroso da fé christã, bandeira de triumpho do homem que cre em Vós, sête Protectora d'esses mancebos, que agarrados ao bordão de peregrino, subiram 5.ª feira á formosa colina do Sameiro cantando com a multidão que os seguia as glorias excelsas do Vosso Nome. Confundi Senhora os pombalinos afezados, esses talentos errados que desinstram a candura da pomba, que poisa sobre o diamema da Esposa do Espirito Santo, da Rainha dos cantores da lei da graça, que engrandece a terra, fáz estremecer os infernos e glorificar os ceus, com a saudação de Gabriel: Ave Maria!

Agora os vivas da Cruz e da Espada: Viva a cruz symbolo da religião de Christo. Viva a espada que está prompta a defender, quando preciso, o dogma santissimo da Conceição Immaculada. Vivam Leão XIII e o seu delegado junto da corte portugueza que honraram o monumento do Sameiro. Viva a academia catholica de Coimbra, que soube comprehender os sentimentos patrioticos do S.º Duque de Bragança. Vivam Bruski e Almeida Silvano, redactor da Ordem. Vivam os habitantes de Braga que deram as boas vindas á peregrinação academica.

A Associação Catholica. — Esteve brilhantissima a Sessão Solemne que esta benemerita Associação celebrou na quinta feira á noite para saudar os peregrinos academicos.

A casa achava-se apinhadissima de socios e convidados, e entre elles viam-se damas e cavalheiros d'alta cathogoria. Tomou a presidencia o Exm.º Sr. José Ferreira de Magalhães, vice-presidente da Associação, ladeados dos Exm.ºs Snrs. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente cathedratico na Universidade de Coimbra, e conselheiro Torres e Almeida juiz da confraria de Nossa Senhora do Sameiro.

Depois do elegante discurso da abertura falou o sympathico joven Bruski. Que maravilha, que prodigio! que palavra cheia de graça e encanto, tudo ficou surprehendido. S. Ex.ª prometteu-nos uma peregrinação academica de Lisboa para as fereas da Paschoa e esperamos ver cumprida a sua promessa.

Seguiram-se depois varios oradores de entre os peregrinos academicos que fallaram admiravelmente, sendo porisso cobertos de palmas.

Corobou esta grande festividade a palavra authorisada e eloquente do Exm.º Sr. dr. Ramos.

Não podemos dizer nada do seu bello discurso — porque, as suas palavras calaram na nossa alma de forma que ficamos extasiados, assim como toda aquella selecta reunião.

A orchestra executou harmoniosas peças, e os meninos da anla da Associação, cantaram ao som da musico, por varias vezes o hymno da Santissima Virgem, que produziu um lindissimo effeito.

O Exm.º dr. Luiz Maria, no fim do seu discurso, sempre cheio de fé e de entusiasm, levantou um viva á Associação Catholica, e ao povo de Braga, e a Associação respondeu levantando um viva aos academicos catholicos á Leão 13.º e ao sr. Bruski. Foi uma noite de gloria — que ficará para sempre gravada no coração de todos.

Viva Henrique V e os legitimistas francezes. — O partido legitimista levou a effeito uma demonstração no dia 19, em Challana. No primeiro comboio chegaram áquelle ponto os deputados e senadores da Vandeia e os representantes da imprensa do partido. Entre os viajeros, figuravam os snrs. de La-reinty, La Rochejaquelein, principe de Léon Pieyres du Grd, de la Rochette, de Monti e o general Charette.

Assistiram tambem ao acto delegados das Principaes cidades de França.

Sob uma vastissima tenda estava preparado um banquete de 4:000 talheres, cuja presidencia foi offercida ao general Charette. Levantaram-se entusiasmicos brindes.

A tenda estava adornada de centenaes de auriflamos e bandeiras das guerras da Vandeia.

Pediram-nos a cabeça!—Ella ahí está a preço no centro regenerador d'esta cidade.

Querem sangue?—tel-o-hão de fina raça, vertido do coração mais sincero, da alma mais pura e do cordeiro mais innocente.

Podem-no degolar, porque nem um só gemido soltará—mas, o seu sangue innocente amaldiçará a vossa geração.

E chamai-vos liberaes? Insensatos!!! Que-reis para vós o direito de nos insultar e escarnecer; de nos cuspir nas faces, de nos beber o sangue, e não toleraes aos outros que vos digam a verdade?

Que importa! Não trepidaremos nem um só momento, e caminharemos para o patíbulo a passos serenos.

Levante-se a força e seja a primeira vítima a Cruz e a Espada. Muito bem.

A' corda regeneradores, á corda: força— a lingua já apparece— o ar já lhe falta—expirou agora—! Morreu—! Oh ceos!!! Oh Infernos?! Treme Demonio.....

Guardae regeneradores os fragmentos do nosso sangue e a corda do enforcado—para as gerações vindouras saberem o quanto devemos a tal raça de liberaes.

Raposa bipede—Em Villa Verde,—informam-nos,— que ha tal raposa de dois pés a deparar gallinhas, que não haverá uma d'aqui a pouco para mêsinha. Uma d'estas noites dêo na capoeira do exm.^o dr. Sepulveda, escapando alguma onde não chegou o furo da tal raposa, ou porque as não podesse levar todas. Ainda assim foram encontradas sete das empalmadas em casa d'um tal Borrêgo, que disse as ter comprado a uma parenta, tambem Borrêga, suspeita de muitos outros furtos, como assim d'uma boa conta de libras á viuva Esmeriz, e d'outra a uma padeira dos suburbios.

E a auctoridade administrativa que providencias tem tomado? Apenas vae espalhar o... flato para o Monte de Cima, onde mora a Borregada, e... entretem-se com aquellas cordeirinhas...

Que o Solitario não gosta de caldos de gallinha é facto averiguado; mas deixa-os comer a salvo, e mal de quem dá o chorume á panella.

O nosso amavel correspondente ha de nos dizer alguma coisa para a semana.

Exames.—Nos exames de concurso por provas publicas a que se procedeu perante S. Ex.^a R.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz nos ultimos dias da semana finda, para provimento das Igrejas Parochiaes de S. Martinho d' Outeiro, S. Miguel d'Argival, S. João Evangelista de Covas, S. Pedro de Raimonda, Santa Maria de Vermoim e S. Mamede de Cuido, ficaram approvados os Rd.^{os} snrs. Constantino Lopes Pogeira, Manoel José de Gabriel, João Fernandes Cruz, Manoel José d'Araujo Faria e Faustino Fortunato Jacintho Leal.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

SUMMARIO do n.º 22—S. Bernardo, por A. Moreira Bello—A Trindade Beatissima (poesia), por A. C. S. V.—Noticia historica da fundação do templo de Nossa Senhora do Porto d'Ave, por João Baptista da Silva Ramos—A Santo Joanna Francisca (poesia), por...—O triumpho de Maria no esplendor dos santos—A S. Joaquim (poesia), por...—A Virgem das Neves—Pequenas conferencias sobre o Christianismo—Paraphrase da Saudação Angelica (poesia), por...—S. Bartholomeu, Apostolo—A Perola d'Antiochia—Chronica.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, profundamente agradecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram seus valiosos serviços por occasião do fallecimento e do funeral de sua sempre chorada consorte e mãe, D. Leopoldina Carolina de Mesquita, fallecida na sua residencia da Quinta da Armada, d'esta cidade de Braga, no dia 4 do corrente mez, veem, por este meio, significar-lhes os mais sinceros protestos d'indelevel gratidão.

Braga, 22 d'agosto de 1882.

- Dr. Bento Joaquim de Mesquita Pimentel.
- P.^o Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel.
- Bento Joaquim de Mesquita.
- Maria Benedicta de Mesquita Pimentel.
- Leopoldina Carolina de Mesquita.
- Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.
- José Joaquim de Mesquita Pimentel.
- Pedro Joaquim de Mesquita Pimentel.

(68)

Os abaixo assignados agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimentar-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido, irmão sobrinho cunhado e tio, o dr. Manoel Joaquim Penha Fortuna, e o acompanharam ao cemiterio publico; bem como aos dignos ecclesiasticos que gratuitamente disseram missa, e assistiram ao seu funeral; ás corporações, associações e artistas que lhe honraram a memoria com suffragios por sua alma.

- Maria Rita da Silva Penha Fortuna,
- João Penha,
- Maria Candida Penha Lopes Braga,
- Maria de Patrocínio Penha Fortuna,
- Anna Julia Penha Fortuna,
- Amelia Augusta Penha Fortuna,
- Emilia Eliza Penha Fortuna,
- Delmira Amalia Penha Fortuna,
- Maria Carolina Penha Fortuna,
- Anna Casimira de Oliveira Braga,
- Therese de Jesus Penha Fortuna,
- João Luiz Pipa,
- João Antonio de Oliveira Braga,
- Antonio José de Oliveira Braga, (ausente)
- Rita da Silva da Costa Rebello,
- Antonio Maria da Costa Rebello,
- Luiz Antonio Lopes Braga.

(65)

Maria do Patrocínio Torres e marido João Ferreira Torres, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu chorado filho Francisco Casimiro Ferreira Torres, cujo decesso teve lugar no dia 4 do corrente, e bem assim a todos os Reverendos sacerdotes que assistiram aos officios funebres e celebraram o Santo sacrificio da missa por sua alma na Capella de S. Miguel o Anjo, assim como ás mesas de Nossa Senhora do Ó, Nossa Senhora d'Ajuda e Almas de S. Thiago, que tão dignamente se promptificaram a acompanhar o cadaver ao cemiterio publico, não podendo deixar de mencionar o nome dos dous sabios, virtuosos e exemplares sacerdotes P.^o Melli e Carlos, que, por espaço de dous mezes nunca desampararam seu finado e saudoso filho, confortando-o e animando-o com o mais verdadeiro amor e caridade evangelica, a deixar este mundo para colher na eternidade a palma que Deus destina áquelles que morrem abraçados á cruz, sendo este o verdadeiro consolo de seus paes em tão triste conjunctura.

Tambem agradecem ao muito digno Director do Collegio do Espirito Santo os favores e finezas que lhes dispensou no ultimo mez de sua molestia, favores que só as almas verdadeiramente christãs podem liberalisar aos que gemem com uma grave molestia, como aquella que arrebatou á eternidade, seu nunca esquecido filho.

A todos pois, reconhecidamente agradecem, protestando-lhes o seu mais indelevel e profundo reconhecimento, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria.

Braga, 12 de Agosto de 1882.

- Maria do Patrocínio Torres,
- João Ferreira Torres.

Os abaixo assignados, agradecem em extremo penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua chorada esposa, mae, irmã, tia e cunhada, D. Lucia Carolina Ferreira Couto; bem como ás que assistiram aos responsos de sepultura no dia 7 do corrente na igreja da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco: a todos pois, reconhecidamente agradecem e pedem desculpa de o não poderem fazer pessoalmente como era do seu dever.

- Jeronymo José Ferreira Couto
- João Baptista Ferreira Couto
- Maria Narcisa M.^a Ferreira
- Manoel Luiz Ferreira Braga
- Maria Narcisa Pinto Barbosa
- José Pereira da Cunha
- Jeronymo José Pereira da Cunha
- Manoel José de Campos
- Antonio da Cunha Pinto Barbosa
- Manoel da Costa Araujo

(64)

ANNUNCIOS

Pelo Juizo de Direito da comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 2.^o officio

abaixo assignado se ha-de proceder no dia 10 do proximo seguinte mez de Setembro pelas 10 horas da manhã na praça publica das arrematações á porta do tribunal no largo de Santo Agostinho d'esta cidade de Braga, á arrematação dos bens arrestados aos executados Francisco Pereira Leite e Castro, e mulher D. Maria dos Desamparados, na execução que lhe move o exequente Manoel Gonçalves da Maia na qualidade cessionario dos berdeiros de Fortunato Ribeiro Machado Guimarães morador que foi n'esta mesma cidade, cujos bens são os seguintes: diversos moveis, roupas, cobertores de damascos e generos e fazendas de negocio de mercearia, tudo avaliado nos valores constantes da dita execução. Uma morada de casas de tres andares situada no largo da Lapa d'esta cidade designada pelo numero 5, allodial avaliada com agua de torneira em 6:150\$000. A quinta denominada de Piellas contigua á rua Nova do Bico d'esta mesma cidade, com suas casas avaliadas em 3:469\$000 reis. Tres moradas de casas terreas com seus quintaes com os numeros 47, 48 e 49 avaliadas cada uma em 140\$000 reis. Duas moradas de casas torres de um andar com quintal, com os numeros 50 e 51 avaliadas cada uma em 180\$000 reis. Uma morada de casas torres com quintal, com o numero 52 avaliada em 983\$840 reis. Todas as ditas 6 moradas de casas são sitas na dita rua Nova do Bico.—Uma bouça de matto e alguma lenha sita no monte de Crasto freguezia de S. Lazaro, d'esta cidade, avaliada em 300\$000 reis. Um bocado de bouça solta pegada ao dito monte de Crasto sito entre as freguezias de S. Lazaro, S. Victor e S. Martinho que produz tojo e tem lenha de carvalho, formando um triangulo avaliado em quarenta mil rs. A propriedade denominada de Cabanas, com casas para caseiro, terras de lavradio, matto e arvores de vinbo e fructo situada no lugar de Cabanas da dita freguezia de S. Martinho de Dume, avaliada em 3:059\$280 reis. Uma morada de casas torres de dous andares com quintal com o numero 70, sitas na rua de S. Vicente, da mesma cidade, avaliada em 540\$000 reis. Uma morada de casas torres com quintal com o numero 71 sita na mesma rua de S. Vicente, avaliada em 600\$000 reis. E o foro annual de 22\$000 reis, imposto em uma morada de casas torres com quintal com o numero 69 sita na mesma rua de S. Vicente, avaliada em 440\$000 rs. Pelo que tambem são citados e chamados todos os credores insertos dos executados para assistirem á dita praça e aos termos da execução e virem deduzir seus direitos com a pena da lei e de revelia não comparecendo. Vai collado e devidamente inutilizado um sello de estampilha de 10 reis.

Braga 12 d'Agosto de 1882.

O Escrivão

- João Marcos de Araujo Ribeiro
- Verifiquei a exactidão
- O Juiz de Direito
- Adriano Carneiro de Sampaio.

(62)

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 1.^o officio do mesmo juizo—Freitas—correm Editos de 30 dias, a contar da publicação do 2.^o annuncio no *Diario do Governo*, e n'outros d'esta cidade, citando, requerendo e chamando todas as pessoas incertas que se julgem com algum direito ou acção á quantia de 300\$000 reis que se acha na Caixa Ge-

ral de Depositos, producto da arrematação que fez Francisco Gomes da Silva, d'esta cidade de Braga, d'uma morada de casas, sita no largo das Latinhas d'esta mesma cidade, para na 2.^a audiencia d'este juizo, depois de findo o dito praso deduzirem qualquer direito que tenham á mesma, sob pena de ser julgada expurgada de quaesquer onus ou encargos a dita morada de casas, ficando transferido o direito dos credores para o producto em daposito. Declara-se que as audiencias n'este juizo se fazem ás segundas e quintas feiras, de cada semana, não sendo dias feriados ou sanctificados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos no Tribunal Judicial, d'esta cidade de Braga, por 10 horas da manhã. Leva um sello de 10 reis.

Braga 17 de Agosto de 1882.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(66)

Vende-se uma morada de casas, que accomoda uma familia, tendo um bom quintal, com arvores de fructa e vinho, produzindo já tres pipas d'este liquido, e agua de lima e bica com seu tanque para lavar e regar; não tendo dominio directo sendo emphiteuta.

Este predio é situado na rua nova de Santa Cruz, proximo aos Piões e junto á linha americana, designado pelos numeros 4, 4 A e 4 B.

Quem pretender comprar este predio, entender-se ha com seu dono, morador na mesma casa, ou na rua de Nossa Senhora de Guadalupe n.º 4. Declara-se que se porventura ao comprador fizer melhor conta ficar com a maior parte do seu valor na razão do juro legal e com hypotheca no mesmo predio, o podera fazer.

AVISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.º 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debidade mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setembro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais der.

(63)

Compra-se

Toda a porção que apparecer de feijão branco, vermelho e amarello, e vinho fervido.

Rua de S. João n.º 9—Braga.

(58)

COLLEGIO

DE S. BENTO

LARGO DE SANTO AGOSTINHO N.º 8

BRAGA

No proximo dia 9 do mez de Julho abrir-se-ha este novo estabelecimento de educação e ensino, para crianças do sexo masculino.

Admitte desde já alumnos internos, semi-internos e externos, para as diversas disciplinas que n'elle se hão-de cursar, as quaes serão confiadas a pessoas competentes.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director.

(50) Bento Desiderio Peixoto Querido.

Typographia Lealdade—Rua de Janno N.º 1